

“Espaço e Lugar”

Yi Fu Tuan

1 - INTRODUÇÃO

Espaço e lugar são termos familiares que indicam experiências comuns. O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. O lugar pode ser desde a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria.

Animais não humanos também tem um sentido de território e lugar. Os espaços são demarcados e defendidos contra invasores. Os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação.

Os dotes humanos incluem órgãos sensoriais semelhantes aos de outros primatas, mas são coroados por uma capacidade excepcionalmente refinada para a criação de símbolos. Saber como o ser humano, que está ao mesmo tempo no plano do animal, da fantasia e do cálculo, experiencia e entende o mundo é o tema central deste estudo. Nele reconhecemos nossa herança animal, bem como a importância desempenhada pela cultura, sabemos que a sensação de espaço e lugar dos americanos é bem diferente da dos esquimós, mas buscamos os traços comuns. Enfocamos questões gerais das aptidões humanas, capacidade e necessidades, e como a cultura as acentua ou as distorce. Nele três temas se entrelaçam:

- a- fatos biológicos: os estágios de aprendizagem das noções de espaço e lugar da criança ao adulto
- b- as relações de espaço e lugar: o significado de ‘espaço’ é mais abstrato do que ‘lugar’. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. Os arquitetos falam sobre as qualidades espaciais do lugar; podem igualmente falar das qualidades locacionais do espaço. As ideias de ‘espaço’ e ‘lugar’ não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço e vice-versa. Além disso, se pensamos o espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar.
- c- A amplitude da experiência ou conhecimento. A experiência pode ser direta e íntima (antigo morador de uma cidade), pode ser indireta (taxista que aprende a se deslocar nela) e conceitual (um geógrafo que a estuda).

Esta obra busca sanar uma lacuna da literatura sobre qualidade ambiental, tentando compreender o que as pessoas sentem sobre espaço e lugar, considerar as diferentes maneiras de experienciar (sensório-motora, tátil, visual, conceitual) e interpretar o espaço e lugar como imagens de sentimentos complexos. No entanto é possível articular sutis experiências humanas, tarefa a que os artistas vem se dedicando – frequentemente com êxito.

2 - PERSPECTIVA EXPERENCIAL

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização.

A experiência é constituída de sentimento e pensamento.

Não nos referimos à experiência que tem conotação de passividade e sim a que implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experenciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento.

Experenciar é vencer os perigos. A palavra ‘experiência’ provém da mesma raiz latina (per) de ‘experimento’, ‘experto’ e ‘perigoso’. Para experenciar no sentido ativo, é necessário aventurar-se no desconhecido e experimentar o ilusório e incerto.

Os órgãos sensoriais e experiências que permitem aos seres humanos ter sentimentos intensos pelo espaço e pelas qualidades espaciais são a cinestesia, visão e tato. Movimentos tão simples como esticar os braços e as pernas são básicos para que tomemos consciência do espaço. O espaço é experienciado quando há lugar para se mover. Ainda mais, mudando de um lugar para outro, a pessoa adquire um sentido de direção. Para frente, para trás e para os lados são diferenciados pela experiência, isto é, conhecidos subconscientemente no ato de movimentar-se. O espaço assume uma organização coordenada rudimentar centrada no eu, que se move e se direciona. Uma criança ou um adulto cegos de nascimento, mas que tenham recentemente recuperado a visão, precisam de tempo e prática para perceber que o mundo se constitui de objetos tridimensionais estáveis e dispostos no espaço, em vez de padrões mutáveis e cores. Tocar e manipular coisas com a mão produz um mundo de objetos – objetos que conservam sua constância de forma e tamanho. O movimento intencional e a percepção, tanto visual como háptica, dão aos seres humanos seu mundo familiar de objetos díspares no espaço.

Os odores imprimem caráter aos objetos e lugares, tornando-os distintos, porém não chegam a constituir um mundo, pois este sugere estrutura espacial, onde os odores estariam espacialmente arranjados. O paladar, o odor e a audição nos dão por si a sensação de espaço, mas a maioria das pessoas faz uso dos cinco sentidos, que se reforçam mútua e constantemente para fornecer o mundo em que vivemos, intrincadamente ordenado e carregado de emoções. O paladar, por exemplo, envolve quase que invariavelmente o tato e o olfato. Se podemos ouvir e cheirar algo, podemos também vê-lo. Sozinhos, esses sentidos não nos torna cientes de um mundo exterior habitado de objetos, mas em combinação com as faculdades ‘espacializantes’ da visão e do tato enriquecem nossa apreensão do caráter espacial e geométrico do mundo.

A dependência visual do homem para organizar o espaço não tem igual. Os outros sentidos ampliam e enriquecem o espaço visual. Assim, o som aumenta a nossa consciência, incluindo áreas que estão atrás de nossa cabeça e, o que é mais importante: o som dramatiza a experiência espacial. Um espaço silencioso parece calmo e sem vida não obstante a sua visível atividade.

A sensibilidade da pele contribui para a experiência espacial de maneira limitada, registra sensações e condições do objeto (comprimento do objeto, massa e volume, aspereza e suavidade), mas não sente a distância; nesse aspecto a percepção tátil está no extremo oposto da visual.

Os diversos ‘espaços sensoriais’ parecem-se muito pouco entre si. O espaço visual, com sua nitidez e tamanho, difere profundamente dos difusos espaços auditivo e tátil-sensorio-motor.

O lugar é uma classe especial de objeto. É uma concreção de valor, embora não seja uma coisa valiosa, que possa ser facilmente manipulada ou levada de um lado para o outro; é um objeto no qual se pode morar. O espaço é dado pela capacidade de mover-se. Os movimentos frequentemente são dirigidos para, ou repelidos por, objetos e lugares. Por isso o espaço pode ser experienciado de várias maneiras:

como a localização relativa de objetos ou lugares,
como as distâncias e extensões que separam ou ligam os lugares
e como a área definida por uma rede de lugares.

A percepção do espaço pelo homem depende da qualidade de seus sentidos e também de sua mentalidade, da capacidade da mente de extrapolar além dos dados percebidos. Tais espaços estão no extremo conceitual do *continuum* experiencial. Existem três tipos principais de espaço, com grandes áreas de superposição: o mítico, o pragmático e o abstrato ou teórico. Por exemplo, quando descrevemos cartograficamente o padrão de um solo, usando símbolos, estamos também entrando no campo conceitual. E os sistemas geométricos, espaços altamente abstratos, foram criados a partir da experiência espaciais primordiais; assim como a percepção visual é a base da geometria projetiva.

Objetos e lugares, também um tipo de objeto, definem o espaço, dando-lhes uma personalidade geométrica. A princípio, o triângulo é ‘espaço’, uma imagem embaçada. Pra reconhecê-lo é preciso identificar previamente os ângulos, isto é os lugares. Para um novo morador, o bairro é a princípio uma confusão de imagens; ‘lá fora’ é um espaço embaçado. Aprender a conhecer o bairro exige a identificação de locais significantes, como esquinas e referenciais arquitetônicos, dentro do espaço do bairro. Objetos e lugares são núcleos de valor. Atraem ou repelem em graus variados de nuances. Como as impressões, recebidas através dos sentidos, adquirem a estabilidade de objetos e lugares? A inteligência se manifesta em diferentes tipos de realização. Uma é a capacidade de reconhecer e sentir profundamente o particular. A diferença entre os mundos esquemáticos dos animais e dos homens é que os destes estão densamente povoados com coisas pessoais e coisas permanentes. Um objeto ou lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos o sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva. Quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensemos em nossa experiência. A outro lugar pode faltar o peso da realidade porque o conhecemos apenas de fora – através dos olhos de turista e da leitura de um guia turístico. É uma característica da espécie humana, produtora de símbolos, que seus membros possam apegar-se apaixonadamente a lugares de grande tamanho, como a nação-estado, dos quais eles só podem te uma experiência direta limitada.

3 - ESPAÇO, LUGAR E CRIANÇA

Apesar das crianças estarem, logo após o nascimento, sob influências culturais que moldam suas ideias relacionadas com espaço e lugar, os imperativos biológicos do crescimento impõem curvas crescentes de aprendizagem e compreensão que são semelhantes e podem, portanto, transcender a ênfase específica da cultura.

A criança não tem mundo. Ela não é capaz de distinguir entre o eu e o meio ambiente externo. Ela sente, mas suas sensações não estão localizadas no espaço. A dor está aí simplesmente, e ela lhe responde chorando; não parece que ela a localiza em uma parte específica do corpo. Apenas por um curto espaço de tempo, os homens, quando crianças, conheceram com é viver em um mundo não dualista.

Durante as primeiras semanas de vida, os olhos do recém-nascido não focalizam adequadamente, depois surge a fixação binocular com convergência, mas ainda explora visualmente um raio muito pequeno; a criança ainda não se locomove e somente pode fazer pequenos movimentos com a cabeça e os membros. Mover o corpo seguindo uma linha mais ou menos reta é essencial para a construção do espaço experiencial mediante as coordenadas básicas de frente, atrás e lados.

As primeiras distinções de horizontal e vertical que um bebê sente são oriundas das mudanças da posição horizontal do berço para a vertical quando vai arrotar, brincar etc. A criança começa a conhecer o espaço ao mover seus membros. Explora o meio ambiente com sua boca. Mamar é uma atividade gratificante por envolver vários sentidos, além disso, ao alimentar-se o estômago se dilata e se contrai, sendo associado a desconforto e satisfação. ‘Vazio ‘ e ‘cheio’ são experiências viscerais de importância definitiva para o homem.

O primeiro ambiente que a criança descobre é seus pais. O primeiro objeto permanente e independente que ela reconhece é talvez outra pessoa. As coisas aparecem e continuam a existir somente quando a criança lhes dê atenção.

Os bebês e as crianças pequenas tendem a articular o mundo em categorias polarizadas. Repararam e classificam as coisas com base nos contrastes maiores, como por exemplo, se interessa pelo que está próximo e pelo que está longe, mas demonstra pouco interesse pelo que está no meio.

Piaget mostra que a inteligência sensório-motora precede, às vezes por vários anos, a apreensão conceitual. Uma criança pequena pode ter a noção da linha reta como a trajetória de um objeto em movimento (o caminhão empurrado na borda da mesa), mas o conceito geométrico de linha reta não aparece antes dos seis ou sete anos. Antes dessa idade, a criança não desenha espontaneamente uma linha reta e não consegue apreender a ideia de diagonal. Crianças suíças de cinco e seis anos que conseguem ir à escola sozinhas não sabem como o fazem, nem lembram de referenciais, e quando desenharam seu trajeto, este não tem correspondência com os mapas.

É mais fácil, tanto para a criança como para o adulto, imaginar como um piloto em seu avião vê a paisagem, do que como um agricultor a vê, estando do lado oposto da colina. Assumimos mais rapidamente uma posição divina, olhando a terra do alto, do que da perspectiva de outro mortal no mesmo nível em que estamos. Além disso, a compreensão do meio ambiente sofre menos após 90° de rotação da perspectiva na horizontal do que depois da rotação de 40 a 50°. A cena oblíqua é mais difícil de ser interpretada do que a vertical. Para uma criança, uma fotografia aérea, ou mapa incentiva um ponto de vista objetivo, isto desencoraja a ação. Ao contrário de uma foto ou gravura que se apresente em perspectiva, que estimula a criança, de uns três anos a três e meio, a se projetar cinestésicamente na ilustração de seu livrinho.

Se definirmos lugar de maneira ampla como um centro de valor, de alimento e apoio, então a mãe é o primeiro lugar da criança, mais tarde será reconhecida como o seu abrigo essencial e fonte segura de bem-estar físico e psicológico.

À medida que a criança cresce, vai-se apegando a objetos, em lugar de se apegar a pessoas importantes, e finalmente a localidades. Para a criança, lugar é um tipo de objeto grande e um tanto imóvel. A princípio as coisas grandes têm menos significado para ela do que as coisas pequenas porque, ao contrário dos brinquedos portáteis ou dos cobertores preferidos, elas não podem, ser manipuladas e transportadas facilmente.

A ideia de localização vai se tornando mais precisa para as crianças à medida que elas vão crescendo, sua atenção vai se ampliando das partes específicas ou das pessoas para um ambiente espacial cada vez mais amplo. O horizonte geográfico de uma criança expande à medida que ela cresce, mas não necessariamente passo a passo em direção à escala maior; pode passar da cidade para a nação, saltando a região.

Tudo indica que as crianças estreitam laços emocionais com lugares que são feitos na escala delas. Ao brincar, as mais velhas procuram cantos e esconderijos tanto em ambientes construídos pelo homem como na natureza, as pequenas se alegram ao se meterem em baixo de móveis.

As pessoas, jovens ou velhas, sentem necessidade de apoiar sua personalidade em objetos e lugares. Todos os seres humanos têm seus próprios pertences e talvez todos tenham necessidades de um lugar só seu, quer seja uma cadeira no quarto ou um canto preferido em qualquer veículo.

O lugar pode adquirir profundo significado para o adulto através do contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos. Porém, a criança não apenas tem um passado curto, como seus olhos estão no presente e no futuro imediato. A imaginação da criança é de um tipo especial. Está presa à atividade. Cavalga um cavalo de pau com se fosse verdadeiro, mas tem dificuldade de associar objetos inanimados com estados de espírito. Diferentemente de um adulto que ao ver um espelho quebrado ou um triciclo abandonado associam à tristeza ou algo similar.

4 - CORPO, RELAÇÕES PESSOAIS E VALORES ESPACIAIS

Pessoas de diferentes partes diferem na forma de dividir seu mundo, de atribuir valores às suas partes e de medi-las. Contudo existem certas semelhanças culturais comuns, e elas repousam basicamente no fato de que o homem é a medida de todas as coisas. Em outras palavras, os princípios fundamentais da organização espacial encontram-se em dois tipos de fatos: a postura e a estrutura do corpo humano e as relações entre as pessoas (quer próximas ou distantes). O homem, como resultado de sua experiência íntima com seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas e relações sociais.

Entre os mamíferos, o corpo humano é ímpar, porque se mantém com facilidade na posição ereta. Nesta posição o homem está pronto para agir. O espaço se abre diante dele e imediatamente pode diferenciá-lo nos eixos frente-atrás e direita-esquerda de acordo com a estrutura do seu corpo. Vertical-horizontal, em cima-embaixo, frente-atrás e direita-esquerda são posições e coordenadas do corpo que são extrapoladas para o espaço. No sono profundo o homem continua ser influenciado pelo seu meio ambiente, mas perde seu mundo; ele é um corpo ocupando um espaço. Acordado e em pé, ele recupera seu mundo, o espaço é articulado de acordo com seu esquema corporal. Dominar o espaço e sentir-se à vontade nele, significa que os pontos de referência reais no espaço, como os referências e as posições cardeais, correspondem à intenção e às coordenadas do corpo humano.

O homem, pela simples presença, impõe um esquema no espaço. Na maioria das vezes, ele não está consciente disto. As culturas diferem bastante na elaboração dos esquemas espaciais. Em algumas, estes são rudimentares; em outras podem se tornar uma moldura magnífica que integra quase todos os aspectos da vida. Porém, apesar das grandes diferenças aparentes, os vocabulários da organização espacial e do valor tem certos termos em comum. Estes são basicamente derivados da estrutura e valores do corpo humano.

As posições em pé e deitado produzem dois mundos opostos. Para o bebê, a mudança da posição supina horizontal para a perpendicular sentada já é “mais do que um **triumfo postural**. É a ampliação de um horizonte e uma nova orientação social” (Gesell e Amatruda). Esse triunfo postural e a consequente ampliação do horizonte são repetidos diariamente durante toda a vida da pessoa. A cada dia desafiamos a gravidade e outras forças naturais para criar e manter um mundo ordenado. À noite cedemos a estas forças e deixamos o mundo que havíamos criado. A posição deitada é submissa, significando a aceitação de nossa condição biológica. A posição ereta é afirmativa, solene e altiva. A pessoa assume sua total estatura humana quando está de pé. A palavra ‘em pé’ (stand) é o radical pra várias palavras que implicam realização e ordem. ‘Alto’ e ‘baixo’, os dois polos do eixo vertical, são palavras que na maioria das línguas transcendem o significado literal. Tudo que é superior ou excelente é elevado, associado com o sentido da altura física.

O prestígio do centro está bem determinado, em quase todas culturas e tempos; todos tendem a considerar sua terra natal como o ‘lugar central’, ou o ‘centro do mundo’. Entre alguns povos, há também a crença, sem evidência geográfica, de que eles vivem no topo do mundo, ou de que seu lugar sagrado está no cume da Terra.

Além das polaridades vertical-horizontal e alto-baixo, a forma e a postura do corpo humano definem o seu ambiente espacial como frente-atrás e direita-esquerda. O espaço frontal é basicamente visual. É nítido e muito maior do que o espaço posterior, que só podemos experimentar através de indicadores não visuais. O espaço frontal é ‘iluminado’ porque pode ser visto; o espaço posterior é ‘escuro’, mesmo quando o sol brilha, simplesmente porque não pode ser visto. A crença de que os olhos projetam raios luminosos remonta, pelo menos, até Platão e persiste além da Idade Média.

Em um plano temporal, o espaço frontal é percebido como futuro e o espaço posterior como passado. A frente significa dignidade, o posterior é profano.

Toda pessoa está no centro do seu mundo, e o espaço circundante é diferenciado de acordo com o esquema de seu corpo. Quando ele se move e vira, também o fazem as regiões frente-atrás e direita-esquerda ao seu redor. Mas o espaço objetivo também assume esses valores somáticos.

As edificações possuem claramente frente e trás, sendo a frente dotada de mais prestígio. Nas cidades econômicas modernas essa noção não é de todo ausente, e mesmo extrapolando para país, a maioria das pessoas tende a ver a costa noroeste do EUA como a frente da nação.

As pessoas não confundem de bruço com a posição em pé, nem frente com atrás, mas os lados direito e esquerdo do corpo, assim como os espaços deles extrapolados são facilmente confundidos. Em nossa experiência como animais que se locomovem, frente e atrás são básicos e direita e esquerda são secundários. Para conseguir andar, primeiro nos levantamos e depois avançamos. O andar para frente é periodicamente interrompido para virar para direita ou esquerda. Suponha que estou descendo uma rua e após um tempo viro para a direita. Um observador pode agora dizer que estou indo para a esquerda. Mas, em absoluto, tenho a sensação de que a minha direção é para a

direita. Eu fiz uma virada para a direita, mas continuo em frente. Direita e esquerda são diferenças que tenho que reconhecer. São meios, para atingir meu objetivo que fica sempre à frente.

As pequenas diferenças existentes nos dois lados do corpo humano não parecem suficientes para explicar as nítidas diferenças de valor atribuídas aos dois lados do corpo e aos espaços social e cosmológico, que se derivam do corpo. Em quase todas as culturas, sobre as quais há informação disponível, o lado direito é considerado como muito superior ao esquerdo. No fundo, a direita é percebida como significando poder sagrado, o princípio de toda atividade efetiva, e a fonte de tudo que é bom e legítimo. A esquerda é a sua antítese; significa o profano, o impuro, o ambivalente e o débil, que é maléfico e deve ser temido. No espaço cosmológico, ‘a direita representa o que está no alto, o mundo superior, o céu; enquanto a esquerda está relacionada com o baixo mundo e com a Terra.’ Em algumas línguas as palavras para ‘esquerda’ e desgraça, má sorte, são a mesma.

As preposições espaciais são necessariamente antropocêntricas, quer sejam substantivos derivados de partes do corpo humano ou não. Como afirma Merleau-Ponty: ‘quando digo que um objeto está sob a mesa, sempre me coloco, mentalmente, quer na mesa, quer no objeto, e lhes atribuo uma categoria que teoricamente ajusta a relação de meu corpo aos objetos externos.

O homem é a medida. Em sentido literal, o corpo humano é a medida de direção, localização e distância. As medidas populares de comprimento são derivadas das partes do corpo, como polegada, côvado e braça, outras são derivadas de objetos de uso corrente feitos pelo homem como vara, lança etc. as estimativas de distância maiores se baseiam na experiência e na ideia de esforço.

O corpo humano e suas subdivisões parecem não fornecer as unidades comuns para estimativas de área, como o fazem para a estimativa de comprimento e volume ou capacidade. Área é provavelmente um conceito mais abstrato do que comprimento e volume, é uma ideia sofisticada abstraída do sentido mais primitivo de capacidade.

Distância é distância da própria pessoa. Em muitas línguas, os demonstrativos espaciais e os pronomes estão intimamente relacionados, de maneira que é difícil dizer que classe de palavras são primitivas ou derivadas. As palavras nas duas classes são atos de indicações semimiméticos, semilinguísticos. Os pronomes pessoais e demonstrativos e os advérbios de lugar estão intimamente inter-relacionados. Eu estou *aqui*, e o que está aqui eu denomino *este*.

Algumas línguas exibem uma gama sutil de variação de pronomes demonstrativos para indicar distâncias relativas a partir do eu; em inglês pelo fato de haver uma polarização de significados entre *este* e *aquela*, faz com que possam adquirir grande carga emocional.

5 – ESPACIOSIDADE E APINHAMENTO

Espaço e espaciosidade são termos intimamente relacionados, como são densidade de população e apinhamento; mas espaço amplo nem sempre é experienciado como espaciosidade, e alta densidade necessariamente não significa apinhamento. Espaciosidade e apinhamento são termos antitéticos e o ponto no qual um se transforma em outro depende de condições difíceis de generalizar.

Espaciosidade está intimamente associada com a sensação de estar livre. Liberdade implica espaço; significa ter poder e espaço suficientes em que atuar. Estar livre tem diversos níveis de significado. O fundamental é a capacidade pra transcender a condição presente, e a forma mais simples que essa transcendência se manifesta é o poder básico de locomover-se. No ato de locomover-se, o espaço e seus atributos são experienciados diretamente. Uma pessoa imóvel terá dificuldade em dominar até as

ideias elementares de espaço abstrato, porque tais ideias se desenvolvem com o movimento – com a experiência direta do espaço através do movimento. Os fisicamente fortes – crianças e atletas – desfrutam de uma sensação de amplidão espacial pouco conhecida dos que trabalham em escritório. Instrumentos e máquinas ampliam a sensação de espaço e espaciosidade do homem. Um instrumento ou máquina aumenta o mundo da pessoa quando ela sente que é uma extensão direta de seus poderes corporais.

A experiência direta da velocidade propicia ao homem uma conquista do espaço, porém quando o transporte é uma experiência passiva, a conquista do espaço pode significar a sua diminuição. A velocidade que dá liberdade ao homem, pode fazer com que ele perca a sensação de espaciosidade. Os passageiros de um avião, levados como pacotes luxuosos, têm uma experiência com a velocidade menos nítida que um motoqueiro, por exemplo, pois estes não podem sentir a máquina/avião com extensão de seus poderes corporais.

O espaço é um símbolo comum de liberdade no mundo ocidental. O espaço permanece aberto; sugere futuro e convida a ação. Do lado negativo, espaço e liberdade são uma ameaça. Ser aberto e livre é estar exposto e vulnerável. O espaço aberto não tem caminhos trilhados nem sinalização. Não tem padrões estabelecidos que revelem algo, é como uma folha em branco na qual se pode imprimir qualquer significado. O espaço fechado e humanizado é lugar. Comparado com o espaço, o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos. Os seres humanos necessitam de espaço e de lugar. As vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade. No espaço aberto, uma pessoa pode chegar a ter um sentido profundo de lugar; e na solidão de um lugar protegido a vastidão do espaço exterior adquire uma presença obsessiva. Um indivíduo sadio aceita restrição e liberdade, a limitação do lugar e a amplidão do espaço. Ao contrário, o claustrofóbico vê os lugares pequenos e apertados como algo opressivo, não como espaços limitados onde é possível a meditação ou a camaradagem fraterna. Um agorafobo teme espaços abertos, que para ele não se apresentam como campos potenciais de ação nem de engrandecimento do eu.

É difícil formular regras para o sentimento em relação ao meio ambiente. Dois fatores perturbam o assunto. Um é que o sentimento de espaciosidade depende do contraste. O segundo é que a cultura e a experiência têm uma grande influência na interpretação do meio ambiente. Como por exemplo, os habitantes de uma ilha melanésia de apenas cinco quilômetros de comprimento que duvidam da existência de uma terra na qual não se possa escutar o barulho das ondas do mar. Os norte-americanos viam as pradarias abertas do Oeste como um símbolo de oportunidade e liberdade, mas para os camponeses russos o espaço sem fronteira tinha um significado oposto, a insignificância do homem diante da imensidão e indiferença da natureza.

O espaço é, sem dúvida, mais do que um ponto de vista ou um sentimento complexo e fugaz. É uma condição para a sobrevivência biológica. Mas a questão de quanto espaço um homem necessita para viver confortavelmente não tem uma resposta simples. O espaço como recurso é uma apreciação cultural. O nível de aspiração afeta o que cada um considera como espaço adequado, e a aspiração é condicionada culturalmente.

Os apetites biológicos logo atingem seu limite natural, mas o anseio ultrabiológico – que rapidamente assume a forma deturpada da cobiça – é potencialmente ilimitado.

O espaço é um recurso que produz riqueza e poder quando adequadamente explorado. O ‘homem importante’ ocupa e tem acesso a mais espaço do que os menos importantes. Um ego agressivo exige

incessantemente mais espaço para se movimentar. A sede de poder sobre dinheiro e território é particularmente sedutora por serem ideias simples que demandam pequeno esforço imaginativo para serem concebidas e extrapoladas.

O espaço é para os seres humanos uma necessidade: biológica (como para todos os animais), psicológica, um requisito social e um atributo espiritual.

A solidão é uma condição para adquirir a sensação de imensidade. A sós, nossos pensamentos vagam livremente no espaço. Na presença de outros, recuam pelo fato de outras pessoas projetarem seus próprios mundos na mesma área. O medo do espaço muitas vezes está junto com o medo da solidão. A companhia de seres humanos – mesmo de uma única pessoa – produz uma diminuição do espaço e ameaça a liberdade. À medida que as outras pessoas penetram no espaço a sensação de espaciosidade dá lugar a de apinhamento. E são as pessoas mesmo que nos apinham, elas mais que as coisas, podem restringir nossa liberdade e nos privar de espaço. Mas também podem ampliar nosso mundo. O coração e a mente se expandem na presença daqueles que admiramos e amamos. As coisas só têm esse poder a partir do momento que as pessoas dotam-nas com características animadas ou humanas. Já os seres humanos possuem naturalmente esse poder. Porém a sociedade pode privá-los disto. Os seres humanos podem ser tratados como objetos, de maneira que não sejam mais que estantes de livros. Um homem rico é cercado de criados, porém eles não o apinham; por causa de seu baixo status se tornam invisíveis – parte do madeiramento da casa.

A etiqueta e a rusticidade são diferentes meios para se atingir o mesmo fim: ajudar as pessoas a evitarem o contato quando tal contato ameaça ser intenso demais.

Uma sensação de apinhamento pode aparecer sob condições altamente variadas e em diferentes escalas. Árvores e vegetações podem ser densos em uma área selvagem, mas os amantes da natureza não a vêem como apinhada. As estrelas podem salpicar o céu e ele não é visto como opressivo. A amplitude dos lotes e dimensões das residências para famílias de classe média é tido como frieza e desabrigo para as famílias operárias da sociedade industrial ocidental. Em um exemplo chileno de conjunto habitacional popular projetado nos moldes da classe média tiveram os móveis da sala mudados para o corredor em busca da proximidade e calor que estavam acostumados. Em contrapartida na Inglaterra, a privacidade desfrutada pelos novos moradores refletiu em menos tensão.

A falta de oportunidade na esfera econômica e de liberdade na esfera social fazem o mundo dos isolados povoados rurais parecer estreito e limitado. Apinhamento é saber-se observado.

O ar de solidão da natureza tem pouca relação como o número de organismos humanos e não humanos que vivem e trabalham nela, ele é quebrado pela sensação de trabalho (incluindo o da mente) e de objetivos diferentes, reais e imaginários. ‘Dois pescadores arrastando uma rede para a praia parece natural, dois poetas meditando, um ao lado do outro, na mesma praia seria ridículo – um só já é demais.’ Mary McCarthy

As pessoas podem nos restringir, mas também podem ampliar nosso mundo. O coração e a mente se expandem na presença daqueles que admiramos e amamos. Quando as pessoas trabalham juntas por uma causa comum, um homem não tira espaço do outro; pelo contrário ele aumenta o espaço do companheiro, dando-lhe apoio.

Atividades conflitantes geram uma sensação de apinhamento. Num estádio de futebol a multidão contribui para a vibração, mas no trânsito da estrada de volta, apesar de menor densidade demográfica, sentimos o dissabor da restrição espacial.

Privacidade e solidão são necessárias para uma reflexão perseverante e uma introspecção rigorosa, e através de compreensão do próprio eu para que se atinja a plena apreciação de outras pessoas. A privacidade espacial naturalmente não garante a solidão; mas é uma condição necessária.

O mundo nos parece espaçoso e amistoso quando concilia nossos desejos, e limitado quando eles são frustrados.

6 – HABILIDADE ESPACIAL, CONHECIMENTO E LUGAR

Os filhotes de mamíferos aprendem rapidamente a andar, a exceção é o homem. Sua habilidade espacial se desenvolve lentamente nas crianças; o conhecimento espacial vem bem depois. A mente aprende a estabelecer as relações espaciais muito depois que o corpo tenha dominado o seu desempenho. Porém, a mente, uma vez iniciado o caminho exploratório, cria grandes e complexos esquemas espaciais, que vão muito além do que o indivíduo pode abranger através da experiência direta. Como auxílio da mente, a habilidade espacial do homem (porém não a agilidade) ultrapassa a de todas as outras espécies.

A habilidade espacial se transforma em conhecimento espacial quando podem ser intuídos os movimentos e as mudanças de localização. Andar é uma habilidade, mas se eu puder me ‘ver’ andando e se eu puder conservar essa imagem em minha mente que me permita analisar como me movo e que caminho estou seguindo, então eu também tenho conhecimento. Este conhecimento pode ser transferido para outra pessoa através de uma instrução explícita em palavras, em diagramas e em geral mostrando como o movimento complexo consiste em partes que podem ser analisadas ou imitadas.

Se certa habilidade espacial for uma realização de atividade corriqueira, o conhecimento espacial não é necessário a ela, embora acentue tal habilidade. E, em determinadas circunstâncias, o conhecimento consciente pode até atrapalhar o desempenho de uma determinada habilidade, como por exemplo, a capacidade de explicar o equilíbrio de forças necessário para andar de bicicleta pode não necessariamente auxiliar um físico a realizar tal tarefa.

Um exemplo de como dispor de habilidade espacial e competência geográfica na ausência de conhecimento consciente é o fato de pessoas conseguirem guiar grandes distâncias ‘se desligando’ quando estão percorrendo um trecho familiar da estrada.

Para a habilidade de ziguezaguear em um ambiente desconhecido, os indicadores visuais tem importância fundamental, mas as pessoas dependem da imagem e de mapas mentais conscientes bem menos do que elas possam pensar. O trabalho de Warner Brown sugere que os sujeitos humanos podem aprender a superar um labirinto integrando uma sucessão de padrões táteis-cinestésicos. Aprendem uma série de movimentos ao invés vez de uma configuração espacial ou mapa. Os principais pontos são a entrada e a saída. A integração do espaço é um processo progressivo durante o qual os movimentos corretos para entrar e sair e para os pontos intermediários continuam crescendo até chegarem a ser contínuos, cada aspecto espacial da paisagem desencadeia o próximo conjunto de movimentos; ‘todo o labirinto se torna uma *localidade*’.

Quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar.

A habilidade espacial é essencial para a subsistência enquanto o conhecimento espacial, no nível da articulação simbólica em palavras e imagens, não é. A habilidade precede o conhecimento espacial. Os mundos mentais são aprimorados através de experiências sensoriais e cinestésicas. O conhecimento espacial aumenta a habilidade espacial, que pode ser de diferentes tipos desde a destreza atlética até realizações culturais como a navegação oceânica e cósmica.

Os seres humanos não são dotados de um sentido instintivo de direção, mas com treinamento pode se desenvolver a habilidade de orientação – até em um país desconhecido.

Em um sentido mais restrito, a habilidade espacial é o que podemos realizar com nosso corpo. Seu significado se aproxima ao de agilidade. Em um sentido amplo, a habilidade espacial é manifestada em nossa capacidade de libertar-nos aos laços que nos prendem a um lugar, na amplitude e velocidade de nossa mobilidade. Ambos estão inextricavelmente entrelaçados nas pessoas.

Os grupos humanos variam muito quanto à habilidade e ao conhecimento espaciais; e não constitui uma regra que as sociedades grandes e integradas tenham maior desenvolvimento espacial do que os pequenos grupos fracamente organizados. Estes são afetados pela cultura, pela estrutura social (rigidez ou liberdade) e pelo meio ambiente físico (inóspito ou abundante, ilimitado ou restrito).

A habilidade cartográfica, que pressupõe talento de abstrair e simbolizar, é evidência incontestável do poder de conceituar as relações espaciais. A ocasião mais comum de seu uso é quando é necessário transmitir eficientemente conhecimento geográfico a outra pessoa, e como a linguagem verbal mais se presta a narrar eventos do que para descrever relações espaciais simultâneas, os mapas são adotados.

As habilidades de navegação, outro tipo de competência espacial, dos ilhéus do Pacífico são notáveis. Geralmente as pessoas conhecem bem a sua própria vizinhança, mas o conhecimento geográfico também quer dizer uma apreensão consciente e teórica das relações espaciais entre lugares que a gente raramente visita. Para os ilhéus o oceano é uma rede de rotas marítimas unindo inúmeras ilhas, e não uma temível extensão de água sem marcas. Os navegadores polinésios e micronésios conquistaram o espaço transformando-o em um mundo familiar de rotas e lugares. Todas as pessoas se comprometeram para mudar um espaço amorfo em uma geografia articulada.

7 – ESPAÇO MÍTICO E LUGAR

Os mitos florescem na ausência do conhecimento preciso. No entanto, os mitos não são uma coisa do passado, porque o conhecimento humano permanece limitado.

Podem-se distinguir dois tipos principais de espaço mítico: uma área imprecisa de conhecimento deficiente envolvendo o empiricamente conhecido, emoldura o espaço pragmático; outro é o componente espacial de uma visão de mundo, a conceituação de valores locais por meio do qual as pessoas realizam suas atividades práticas.

O primeiro é uma extensão conceitual dos espaços familiar e cotidiano dados pela experiência direta. Imagine uma pessoa numa sala de estudo, ela vê o que está diante de si, e através de ruídos e outros indicadores sensoriais tem consciência das partes não visíveis de seu meio ambiente. Também está vagamente consciente daquilo que não pode perceber, como além das paredes da sala, da rua, da cidade. Ele não presta atenção a estes pontos de referência distantes, no entanto, este amplo conhecimento tácito é necessário para a sua sensação de sentir-se em casa e orientado na pequena

área de atividade. Este campo não percebido é o espaço mítico irreduzível de cada homem, o ambiente impreciso do conhecido que dá ao homem confiança no conhecido.

O segundo tipo de espaço mítico funciona como um elemento de uma visão de mundo ou cosmologia. É articulado de forma mais consciente que o espaço mítico do primeiro tipo. A visão do mundo é uma tentativa mais ou menos sistemática das pessoas de compreender o meio ambiente. Para que seja habitável, a natureza e a sociedade devem mostrar ordem e apresentar uma relação harmoniosa. A maneira do ser humano de se relacionar com a terra e o cosmos segue dois esquemas, em um o corpo humano é percebido como uma imagem do próprio cosmos, e no outro é o centro de um sistema cósmico orientado para os quatro pontos cardeais e para o eixo vertical.

O corpo humano é aquela parte do universo material que conhecemos mais intimamente. Não é apenas a condição para experienciar o mundo, mas também um objeto acessível cujas propriedades podemos sempre observar. O corpo humano é um esquema hierarquicamente organizado; está impregnado com valores resultantes de funções fisiológicas carregadas de emoção e de experiências sociais íntimas. Não é de admirar que o homem tenha tentado integrar a natureza multivariada em termos da unidade intuitivamente conhecida de seu próprio corpo. Esta percepção é amplamente difundida. A terra é um corpo humano em grande escala.

Apresentamos dois esquemas espaciais: um considera o corpo humano com sendo um microcosmo, o outro coloca o homem no centro do cosmo ordenado pelos pontos cardeais. O primeiro não impõe nenhuma nítida organização espacial na superfície da terra. O segundo esquema é que nos fornece um componente espacial importante, ao colocar o homem no centro de um mundo definido pelos pontos cardeais.

O espaço mítico orientado difere muito nos detalhes de uma cultura para outra, mas possui certas características gerais, a saber: antropocentrismo, que coloca o homem no centro do universo; organiza as forças da natureza e da sociedade associando-as com localidades ou lugares significantes dentro do esquema espacial; tenta tornar compreensível o universo através da classificação de seus elementos e sugerindo que existem influências mútuas entre eles; atribui personalidade ao espaço, conseqüentemente transforma o espaço em lugar. Vários povos associam os pontos cardeais a acontecimento astronômicos, a animais, a elementos da natureza (ventos, estações, umidade etc), cores etc.

Os países têm suas geografias fatuais e míticas. Nem sempre é fácil explicá-las separadamente, nem sequer dizer qual é a mais importante, porque a maneira de agir das pessoas depende de sua compreensão da realidade, e esta compreensão, como nunca pode ser completa, necessariamente está impregnada de mitos.

É comum a vários povos a idéia de que o comportamento humano influencia a natureza e vice-versa. A influência ambiental aparece nitidamente na ordem cosmológica dos índios Saulteaux. Assim, os ventos não são apenas poderes da natureza que precisam ser classificados e localizados no espaço, mas são, também, forças ativas em conflito sobre a terra intermediária onde mora o homem. O Vento Norte anuncia que não pretende ter piedade dos homens; o Vento Sul, por outro lado, pretende tratar bem os homens. A verdade é que o Vento Norte não pode vencer o Vento Sul em uma batalha, significando que o verão sempre retornará. No mundo moderno, em geral, as direções cardeais possuem pouca ou nenhuma mensagem simbólica.

O espaço mítico é um construto intelectual, satisfaz as necessidades psicológicas, além das intelectuais, obviamente; salva as aparências e explica os acontecimentos. É também uma resposta do sentimento e da imaginação às necessidades humanas fundamentais. Difere dos espaços concebidos pragmática e cientificamente no sentido que ignora a lógica da exclusão e da contradição. Logicamente um cosmos pode ter apenas um centro; no pensamento mítico ele pode ter muitos centros, se bem que um centro pode dominar todos os outros. Claro, que o todo é feito de partes, cada uma com sua localização característica, estrutura e função. A parte pode ser essencial para o funcionamento do todo, mas a parte não é o todo em miniatura e em essência. No pensamento mítico, a parte pode simbolizar o todo e ter toda sua potência.

8 - ESPAÇO ARQUITETÔNICO E CONHECIMENTO

Muitos animais vivem em ambientes construídos por si mesmos, como os seres humanos, e não é apenas fruto dos instintos porque são capazes de aprender através da experiência e de realizações mais impressionantes do que o homem. E se há superioridade do homem, esta repousa no conhecimento. Mas qual é a qualidade deste conhecimento? De que está consciente o construtor humano? A resposta é complexa porque estão envolvidos vários tipos de experiência e conhecimento. No começo, o construtor precisa saber onde construir, com que materiais e de que forma. Depois vem o esforço físico. Quando o operário cria um mundo, ele não apenas modifica seu próprio corpo como a natureza exterior. A construção torna-se um meio ambiente capaz de afetar as pessoas que com ele interagem. O espaço construído pelo homem pode aperfeiçoar a sensação e a percepção humana. O espaço arquitetônico – até uma simples choça rodeada por uma clareira – pode definir estas sensações e transformá-la em algo concreto. Outra influência é a seguinte: o meio ambiente construído define as funções sociais e relações. As pessoas sabem melhor quem são elas e com quem devem se comportar quando o ambiente é planejado pelo homem e não quando o ambiente é a própria natureza. Por último, a arquitetura ‘ensina’. Uma cidade planejada, um monumento, ou até uma simples moradia pode ser um símbolo do cosmos. Na falta de livros e instrução formal, a arquitetura é uma chave para compreender a realidade.

Comparando o construtor primitivo com o arquiteto moderno, que planeja mais, o primeiro não está totalmente preso ao costume e o segundo não tem uma escolha técnica e formal ilimitada. Uma sociedade camponesa e iletrada pode ter maior conhecimento sobre as formas de construção e de espaço do que uma moderna. Uma causa disto é a participação ativa. Outra é que o esforço, que o conhecimento estimula, é provavelmente repetido muitas vezes durante toda a vida. Os abrigos primitivos combinam a persistência da forma com a efemeridade do material. A construção e a reforma são atividades quase constantes. Os esquimós, nas caçadas de inverno, cada noite fazem um iglu. Uma terceira causa é o fato de que em muitos povos primitivos e tradicionais o ato de construir é um assunto sério que necessita ritos cerimoniais e talvez sacrifício. Construir é um ato religioso, o estabelecimento de um mundo em meio de uma desordem primeva. A religião, por preocupar-se com as verdades permanentes, contribui para o conservantismo da forma arquitetônica.

Um tipo de conhecimento espacial que povos simples não utilizam é o projeto sistemático e formal, a visão do resultado final pelo desenho de planos, mas quando a empresa atinge um ponto de complexidade ele se faz necessário.

Construir torna as pessoas conscientes e as leva a prestar atenção em diferentes níveis: de tomar decisões pragmáticas; de visualizar espaços arquitetônicos na mente e no papel; e de comprometer-se inteiramente na criação de uma forma material que capture um ideal.

As dimensões espaciais como vertical e horizontal, massa e volume são experiências que o corpo conhece intimamente; são sentidas, também, cada vez que se finca uma estaca no chão, se constrói uma choça, se prepara a eira para debulhar os grãos, ou se observa a formação de um montão de terra quando se cava um poço profundo. Porém o significado destas dimensões espaciais cresce imensuravelmente em poder e clareza quando elas podem ser vistas em uma arquitetura monumental e quando as pessoas vivem em sua sombra.

O meio ambiente construído, assim como a linguagem, tem o poder de definir e aperfeiçoar a sensibilidade. Pode aguçar e ampliar a consciência. Sem arquitetura, os sentimentos sobre o espaço permanecem difusos e fugazes. A forma construída tem o poder de aumentar a consciência de interior e exterior, intimidade e exposição, e tornar mais nítida a diferença existente na temperatura emocional entre ambos. E isso não é vivenciado primeiramente na natureza por esta ser demasiado difusa, seus estímulos demasiado poderosos e conflitantes, para serem diretamente acessíveis à mente e sensibilidade humanas. Primeiro o homem cria o círculo, seja este no plano da tenda do índio ou o anel para a dança guerreira, e depois disso pode discernir círculos e processos cíclicos em qualquer lugar na natureza.

Nas comunidades pré-letradas e tradicionais, as formas de vida social, econômica e religiosa estão bem integradas. Já na vida moderna, que tende a ser compartimentada, o espaço pode ser planejado e ordenado para chamar nossa atenção para a hierarquia social, mas a ordem não tem significado religioso e pode mesmo nem ter uma correspondência direta com a riqueza. Um efeito é a diluição do significado de espaço.

Os pigmeus da floresta do Congo possuem uma estruturação espacial que reflete organização social informal, porém bem separada do espaço religioso, que se identifica com a floresta que os rodeia. Eles estão conscientes de que o que fazem e constroem é insignificante se comparado com a floresta circundante e base da vida; as coisas feitas pelo homem não podem, como tal, sustentar o peso do significado religioso. O que distingue a sociedade tecnológica ocidental é que seu ambiente construído, penetrante e dominante, tem somente um mínimo de significado cósmico e transcendental.

A sociedade moderna, cada vez mais letrada, depende cada vez menos dos objetos materiais e do meio ambiente físico para corporificar o valor e o sentido de uma cultura: os símbolos verbais têm progressivamente deslocado os símbolos materiais, e os livros instruem mais do que os prédios.

O símbolo é direto e não requer mediação lingüística. Um objeto se torna um símbolo quando sua própria natureza é tão clara e tão profundamente manifestada que, embora seja inteiramente ele mesmo, transmite conhecimento de algo maior que está além.

Os próprios símbolos têm perdido muito de seu poder de reverberar na mente e no sentimento, pois este poder depende da existência de um mundo coerente. Sem este mundo, os símbolos tendem a se tornar indistinguíveis dos sinais.

9 – TEMPO NO ESPAÇO EXPERENCIAL

A experiência de espaço e tempo é principalmente subconsciente. Quando esticamos nossos membros, experienciamos simultaneamente o espaço como esfera de liberdade da limitação física e o tempo como a duração na qual a tensão é seguida de calma. A facilidade com que confundimos as categorias espacial e temporal é evidente na linguagem. O espaço arquitetônico tem sido denominado de ‘música congelada’ – tempo espacializado.

Os grupos culturais diferem na maneira de perceber e ordenar os seus meios ambientes naturais, porém, em quase toda parte as pessoas distinguem dois tipos de espaço, a terra e o céu. Uma exceção são os Pigmeus do Congo que, por estarem envolvidos numa densa floresta, praticamente não distinguem céu e terra, a vegetação camufla todos os referenciais. Por exemplo, eles tendem a ver um búfalo distante como um animal muito pequeno. A distância, ao contrário do comprimento, não é um conceito espacial puro; implica tempo. Na sua noção de distância, os indicadores auditivos os auxiliam, porém expressam um mundo bem menor do que aquele que os olhos podem potencialmente ver. O espaço auditivo é menos centralizado que o visual. O espaço para eles é uma densa rede de lugares sem uma estrutura geral. Parece que ocorre o mesmo com o tempo. O ritmo sazonal insignificante os priva de uma medida e conceito de tempo que abranjam as sucessões rápidas do período diurno.

A eternidade é outra qualidade dos lugares distantes. Os lugares de veraneio remotos, para os turistas, estão livres do peso do tempo.

O espaço é histórico se tiver direção ou uma perspectiva privilegiada. Os mapas são a-históricos, as pinturas de paisagem são históricas. O mapa é uma visão divina do mundo, pois suas linhas são paralelas e se estendem para o infinito. A pintura de paisagem, surgida no século XV, com seus objetos organizados ao redor de um ponto de fuga, transformam ‘a simultaneidade do espaço em um acontecimento no tempo – isto é, uma sequência irreversível de acontecimentos –’ tem se tornado cada vez mais popular. Ver a paisagem em perspectiva pressupõe uma importante reordenação do tempo e do espaço. A partir da Renascença, na Europa, o tempo for perdendo continuamente seu caráter repetitivo e cíclico e tornando-se mais e mais direcional. A imagem do tempo com pêndulo oscilante ou como órbita circular deu lugar à imagem do tempo como flecha. O espaço e o tempo ganharam subjetividade ao serem orientados para o homem.

Toda pintura ou fotografia de paisagem em perspectiva nos ensina a ver o tempo ‘flutuando’ através do espaço.

Quando estamos diante de um panorama, nossa mente está livre para devanear. Quando mentalmente nos movemos no espaço, também avançamos e retrocedemos no tempo. O movimento físico através do espaço pode produzir ilusões temporais semelhantes.

A antiguidade geológica e as ruínas humanas contribuem para a sensação da imensidão do tempo, mas outras disposições psicológicas e impulsos parecem também influenciá-la. Talvez possam ser descritas da seguinte forma: quando olhamos para fora, olhamos para o presente ou futuro; quando olhamos para dentro estamos provavelmente lembrando o passado.

O espaço e o tempo, nas atividades propositais, são orientadas pelo eu pensante e ativo. Vejamos a rotina de ir ao trabalho: é uma pequena aventura; de manhã, o escritório está à frente, no futuro. Ir para lá é um movimento para frente. Pode ser enfadonho, mas uma novidade é sempre possível. Incerteza e potencialidade de surpresa são características do futuro e contribuem para a sua sensação. É bem provável que a viagem de regresso para casa não seja percebida como um movimento para

frente no tempo. Ele regressa – procurando o caminho feito anteriormente no espaço e no tempo – para o paraíso familiar da casa. A familiaridade é uma característica do passado. O lar fornece uma imagem do passado. Além disso, em um sentido ideal, o lar fica no centro de nossa vida, e centro conota origem e começo.

O tempo e o espaço são controlados quando se está planejando ativamente. Os planos tem objetivos. O objetivo é um termo tanto temporal quanto espacial. A intenção de ir a um lugar cria um tempo histórico: o lugar é um objetivo no futuro.

A música pode anular a consciência de direção no tempo e espaço de uma pessoa. O som rítmico que se sincroniza com o movimento do corpo anula o sentido da finalidade de uma ação de movimentar-se através de um espaço e tempo históricos para alcançar um objetivo. Por exemplo, ao se incluir uma música no deslocamento de um ponto A para B, apesar de objetivamente o caminho continuar o mesmo, subjetivamente espaço e tempo perdem sua força direcional por causa da influência do som rítmico. Agora, cada passo é um caminhar a passos largos para um espaço aberto e indiferenciado.

Dançar, quando é acompanhado por música ou algum tipo de batucada, dramaticamente anula o tempo histórico e o espaço orientado. Quando as pessoas dançam, movimentam-se com facilidade para todas as direções. A música e a dança libertam as pessoas das solicitações de uma vida útil dirigida por objetivos, permitindo-lhes viver brevemente no que Erwin Straus denomina de ‘espaço presêntico’ sem orientação. As pessoas, atualmente, querem esquecer o sistema espaço-tempo ligado aos objetivos, percebidos como privados de atrativos ou significados.

Uma explicação para o uso difundido do tempo para medir distância é o fato de que as unidades de tempo transmitem um sentido claro de esforço. Um passo não é apenas algo que podemos ver, mas também é sentido nos músculos, é uma unidade de tempo porque é sentido como um arco biológico de esforço e descanso, tensão e relaxamento.

O espaço e o tempo coexistem, se entremesclam e cada um deles é definido de acordo com a experiência pessoal. Toda atividade gera uma estrutura espácio-temporal especial, porém raramente esta estrutura aparece na consciência. Só os acontecimentos adversos fazem-na vir à tona.

O espaço mítico comumente está organizado ao redor de um sistema coordenado de pontos cardeais e um eixo vertical central. Este construto pode ser denominado cósmico, porque é definido pelos acontecimentos no cosmos. O tempo mítico tem três tipos principais: cosmogônico, astronômico e humano. O tempo cosmogônico (história das origens desde a criação do universo) e o tempo humano (curso da vida humana) são lineares e unidirecionais; já o tempo astronômico (sequência das estações) é da natureza da repetição.

O tempo astronômico, em comparação como tempo cosmogônico, é facilmente mapeado em um contexto espacial. O tempo astronômico, sendo cíclico e repetitivo, é melhor representado pelo espaço simétrico. O espaço simétrico é um relógio cósmico que registra o trajeto do sol. Já dissemos que o tempo cosmogônico distorce esta simetria espacial. O tempo humano é direcional. A vida humana começa com o nascimento e termina com a morte: é uma viagem sem volta. O tempo humano prefere o futuro. Viver é um contínuo caminhar para a frente, para a luz, e abandonar o que fica para às costas, o que não pode ser visto é escuro e é o passado. Frequentemente, a morte é vista como uma viagem contínua desde o centro do espaço cósmico ou ao longo do eixo vertical ou para um dos pontos cardeais. No mundo dos vivos são preferidos o futuro e a frente; a simetria do espaço cósmico é distorcida por ter um eixo e uma direção privilegiada.

10 - EXPERIÊNCIAS ÍNTIMAS COM O LUGAR

É impossível discutir o espaço experiencial sem introduzir os objetos e os lugares que definem o espaço. O espaço da criança se amplia e se torna mais bem articulado à medida que ela reconhece e atinge mais objetos e lugares permanentes. O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significação. Já observamos como o espaço desconhecido se transforma em bairro, e como a tentativa de impor uma ordem espacial utilizando um reticulado com as direções cardeais resulta no estabelecimento de um padrão de lugares significantes, incluindo os pontos cardeais e o centro. A distância é um conceito espacial inexpressivo separado da ideia de objetivo ou lugar. No entanto, é possível descrever o lugar sem introduzir explicitamente conceitos espaciais. ‘Aqui’ não envolve necessariamente ‘lá’. Movemo-nos das experiências diretas e íntimas para aquelas que envolvem cada vez mais apreensão simbólica e conceitual.

Os momentos íntimos, para os quais temos dificuldade não só de exprimi-los em palavras como termos consciência deles, são muitas vezes aqueles em que nos tornamos passivos e que nos deixam vulneráveis, expostos à carícia e ao estímulo de nova experiência.

Os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato. A afeição duradoura pelo lar é em parte o resultado de experiências íntimas e aconchegantes. A casa parece mais íntima no inverno do que no verão. O inverno nos lembra de nossa vulnerabilidade e define o lar como refúgio. Ao contrário, o verão transforma o mundo inteiro em éden, de modo que nenhum canto é mais protetor do que outro. Para a criança pequena, os pais são seu ‘lugar’ preferido, os braços humanos fornecem conforto e segurança absolutos, já os adultos se satisfazem com a concavidade acolhedora de uma poltrona.

Para um primata, que abandona seus feridos, uma doença fatal é aquela que o separa do bando, para o homem é aquela da qual não se pode recuperar mesmo quando protegido e alimentado na sede central. Assim, tomamos contato com as condições necessárias para um sentido elementar de lugar. Lugar é uma pausa no movimento. Os animais, incluindo os seres humanos, descansam em uma localidade porque ela atende a certas necessidades biológicas. A pausa permite que uma localidade se torne um centro de valor conhecido. Os babuínos e os símios não fazem uma pausa para cuidar de um membro ferido ou doente. Os homens o fazem, e este fato contribui para a intensidade de seu sentimento de lugar.

Diferentemente de uma criança pequena, um adulto pode encontrar segurança e apoio em objetos, localidades e até na busca de ideias. Para muitas pessoas, as posses e as ideias são importantes, mas outros seres humanos continuam sendo o centro de valor e a fonte de significação. Dizemos dos jovens namorados que um mora no olhar do outro. Não estão presos às coisas e à localidade; deixarão suas casas e, se preciso, fogem para casar. Os velhos casais estão presos ao lugar, mas estão na verdade presos às pessoas, aos recursos da comunidade e um ao outro. As pessoas idosas podem não querer sobreviver por muito tempo à morte de seu companheiro, mesmo quando dispõem de condições materiais para continuar vivendo. Por isso falamos em *descansar* na força de outra pessoa e em *morar* no amor de outrem. Mesmo assim, a ideia de uma pessoa como lugar ou lar não é aceita de imediato.

Os lugares íntimos onde as pessoas verdadeiramente estabelecem contato são transitórios e pessoais. Não se pode planejar, com o mínimo de êxito, as ocasiões de troca genuína de intimidade. Pode-se

plantar árvores em lugares amplos como um plano deliberado de criar o lugar, mas não se pode prever seu uso para encontros humanos afetuosos, pois estes dependem da ocasião e da imaginação.

A depressão de terra embaixo do balanço e o chão batido alisado pelos pés humanos não são planejados, mas podem ser comoventes. As experiências íntimas, não sendo exaltadas, passam despercebidas. Na hora, não dizemos ‘é este’ como fazemos ao admirar objetos de notória ou reconhecida beleza. É somente quando refletimos que reconhecemos seu valor.

Ver tem o efeito de colocar uma distância entre o eu e o objeto. O que vemos está sempre ‘lá fora’. As coisas muito próximas a nós não podem ser manejadas, cheiradas e provadas, mas não podem ser vistas – pelo menos não claramente. Nos momentos íntimos, as pessoas cerram os olhos. Pensar cria distância.

Nas nossas recordações as imagens e ideias libertadas pela mente poucas vezes são originais. As avaliações e os julgamentos tendem a ser chavões. As intimidades efêmeras através da experiência direta e a verdadeira qualidade de um lugar comumente passam despercebidas porque a cabeça está cheia de ideias desgastadas. As informações dos sentidos são afastadas para favorecer o que nos foi ensinado ver e admirar. A experiência pessoal cede às opiniões socialmente aceitas, que normalmente são os aspectos mais óbvios e públicos de um meio ambiente.

As experiências íntimas, quer com as pessoas ou coisas, são difíceis de comunicar. As palavras apropriadas são evasivas. As fotografias e os desenhos raramente parecem adequados. A música pode evocar certos sentimentos, porém carece de precisão significativa. No entanto, não é impossível de expressar experiência íntima. Elas podem ser pessoais e sentidas profundamente, mas não são solipsistas e excêntricas. Cada cultura possui seus próprios símbolos de intimidade, amplamente reconhecidos pelas pessoas. Por exemplo, uma poltrona ou um banco de jardim pode ser um lugar muito pessoal, porém nenhum deles é um símbolo privado com significados completamente obscuros para os outros. As experiências dentro de um grupo humano se sobrepõem o suficiente para que vínculos individuais não pareçam notórios e incompreensíveis para seu pares.

Em grande parte, a cultura dita o foco e amplitude de nosso conhecimento. As línguas diferem na capacidade de articular as áreas da experiência. A arte pictórica (não só esta) e os rituais suplementam a língua retratando áreas de experiência a que as palavras não conseguem dar forma; estes também variam de povo para povo. A arte constrói imagens do sentimento, tornando-o acessível à contemplação e meditação. Ao contrário, o bate-papo social e a comunicação feita de clichês entorpecem a sensibilidade.

Eis um paradoxo aparente; o pensamento cria a distância e destrói a proximidade da experiência direta; é, no entanto, através do pensamento reflexivo que os momentos fugidios do passado são trazidos para perto de nós na realidade presente e ganham uma certa permanência.

11- AFEIÇÃO PELA PÁTRIA

O lugar existe em escalas diferentes. Em um extremo, uma poltrona preferida é um lugar; em outro extremo, toda a terra. A pátria é um tipo importante de lugar em escala média.

Quase todos os grupo humanos tendem a considerar sua pátria como o centro do mundo. Em diversas partes isto se explicita numa concepção geométrica do espaço orientada para os pontos cardeais. O lar está no centro de um sistema espacial astronomicamente determinado. Um eixo

vertical, ligando o céu ao mundo inferior, passa pelo lar. As estrelas são percebidas como se movendo ao redor da própria moradia; o lar é o ponto focal de uma estrutura cósmica.

Mas os seres humanos tem grande poder de recuperação e havendo a destruição de um ‘centro do mundo’, outro pode ser construído próximo dele ou em outra localidade. As interpretações cósmicas podem ser ajustadas para estar de acordo com as novas circunstâncias. O centro não é um ponto na superfície da terra; é um conceito no pensamento mítico em vez de um valor profundo ligado a acontecimentos singulares e localidade. É possível acreditar que o eixo do mundo passa pelo povoado como um todo, assim como através de cada casa dentro do povoado. O espaço que se estende sobre um reticulado de pontos cardeais torna nítida a ideia de lugar. Porém não transforma nenhuma determinada localidade geográfica *no* lugar. Uma estrutura espacial determinada pelas estrelas é antropocêntrica em vez de ‘lugarcêntrica’ e pode ser mudada quando os seres humanos também se mudam.

A religião tanto pode vincular uma pessoa ao lugar com libertá-la dele. O culto aos deuses locais vincula um povo ao lugar, estimulando um forte sentido de passado, de linhagem e continuidade, enquanto as religiões universais oferecem segurança através de seus valores eternos e infinitos.

Na antiguidade, a terra e a religião estavam tão intimamente associadas que uma família não podia renunciar a uma sem perder a outra. O exílio era o pior dos destinos, pois não apenas privava o homem de seus meios materiais de subsistência, como também da sua religião e da proteção das leis garantidas pelos deuses locais.

A afeição pela pátria parece ser um fenômeno mundial. Não está limitada a nenhuma cultura e economia em especial, apesar de variar em intensidade entre as diferentes culturas e períodos históricos. A cidade ou terra é vista com uma mãe e nutriz; o lugar é um arquivo de lembranças afetivas e realizações esplêndidas que inspiram o presente; o lugar é permanente e por isso tranquiliza o homem, que vê fraqueza em si mesmo e chance e movimento em toda parte.

Enquanto os agricultores sedentários sentem-se arraigados ao solo e nutrem um sentimento piedoso para com ele, os povos nômades nutrem um forte sentimento pela mãe-terra, alguns fazem invocações pedindo água, terra firme e comida.

Os aborígenes australianos são um claro exemplo de como os caçadores e coletores podem estar intensamente apegados ao lugar. Não possuem regulamentos para a posse da terra nem ideias rígidas sobre limites territoriais. Apesar disso, distinguem dois tipos de território – ‘propriedade’ e ‘campo’. Propriedade é a casa tradicionalmente reconhecida, campo é a porção de terra ou órbita na qual comumente o grupo caça ou procura alimento. Como eles colocam; campo é onde eles podem andar ou correr; propriedade é onde poderiam se sentar. O campo é mais importante para a sobrevivência, e a propriedade mais importante para a vida social e cerimonial, com o qual estabelecem fortes laços emocionais. A identidade do nativo não é posta em dúvida, porque os mitos que a apóiam são tão reais como as rochas. Ele encontra registrada em sua terra a história antiga das vidas e façanhas dos seres imortais dos quais ele descende, e a quem venera.

Uma pátria tem seus referenciais, que podem ser marcos de grande visibilidade e importância pública, como monumentos, templos, campos de batalha sagrados ou cemitérios. Estes sinais visíveis sevem para aumentar o sentimento de identidade das pessoas; incentivam a consciência e a lealdade para com o lugar. Porém um tipo de afeição profunda, embora subconsciente, pode se formar simplesmente com a familiaridade e tranquilidade, com a certeza de alimentação e segurança, com as

recordações de sons e perfumes, de atividades comunais e prazeres simples acumulados através dos tempos.

12 – VISIBILIDADE: A CRIAÇÃO DE LUGAR

Uma das possíveis definições de lugar é qualquer objeto estável que capta nossa atenção. Quando olhamos uma cena panorâmica, nossos olhos se detêm em pontos de interesse. A parada pode ser de tão curta duração e de interesse tão fugaz, que podemos não estar completamente conscientes de ter detido nossa atenção em nenhum objeto em particular, mas essas paradas acontecem. Não é possível olhar uma cena de uma só vez, nossos olhos continuam procurando pontos onde repousar a vista.

Muitos lugares, altamente significantes para certos indivíduos ou grupos, tem pouca notoriedade visual. São conhecidos emocionalmente, e não através do olho crítico ou da mente. Uma função da arte literária é dar visibilidade a experiências íntimas, inclusive às de lugar.

As esculturas têm a capacidade de criar uma sensação de lugar pela sua própria presença física. Um único objeto inanimado, inútil em si mesmo, pode ser o centro de um mundo. O ser humano pode dirigir um mundo porque tem sentimentos e intenções. O objeto de arte parece fazer isso porque sua forma, como diria Langer, simboliza o sentimento humano. Uma peça de escultura parece encarnar a humanidade e ser o centro de seu próprio mundo. Apesar de uma estátua ser um objeto em nosso campo de percepção, parece criar seu próprio espaço.

A cultura afeta a percepção. No entanto, certos objetos, quer naturais ou feitos pelo homem, persistem como lugares através da eternidade do tempo, e transcendem os valores de determinadas culturas talvez por possuírem tanto importância geral como específica. A maioria dos monumentos não pode sobreviver à decadência de sua cultura. Quanto mais específico e representativo o objeto, tanto menor a probabilidade de sobreviver. Com o passar do tempo, a maioria dos símbolos públicos perdem seu status com lugar e simplesmente obstruem o espaço.

Os bairros urbanos, conceituados pelos urbanistas como uma área de características físicas e sócio-econômicas bem definidas e sendo assim lugares, não são percebidos dessa maneira pela população que lá reside. Já a rua onde moram, é parte da experiência íntima de cada um. O sentimento que se tem pela esquina da rua local não se expande automaticamente com o passar do tempo até atingir o bairro. O conceito depende da experiência, porém não é uma consequência inevitável da experiência. A unidade maior adquire visibilidade através de um esforço da mente. Então, o bairro inteiro torna-se um lugar. Todavia, é um lugar conceitual e não envolve as emoções. Elas começam a dar cor ao bairro inteiro quando se percebe que ele tem rivais e que está sendo ameaçado de alguma maneira, real ou imaginária. Embora um acontecimento externo, como a reurbanização, permita às pessoas enxergar a unidade maior, esta percepção se torna real se a unidade, de fato, tem um forte sabor local, caráter visual e limites definidos.

A cidade é um lugar, um centro de significados, por excelência. Possui muitos símbolos. Mais ainda, a própria cidade é um símbolo. Como as cerimônias e solenidades públicas, os ritos e festivais são cada vez mais raros nas cidades atuais, então as cidades para despertar a atenção para si mesma passa a usar uma estridente propaganda para criar uma imagem impressionante, e como raramente podem apregoar o passado ou a cultura de sua cidade, apelam para excelências abstratas e geométricas, como a ‘mais central’, ‘a mais alta’ etc.

As cidades-estado gregas eram suficientemente pequenas para que todas as pessoas pudessem se conhecer pessoalmente. A moderna nação-estado é grande demais para ser assim experienciada. É preciso recorrer a meios simbólicos para que a grande nação-estado pareça um lugar concreto – não apenas uma ideia política – pelo qual o povo possa sentir uma profunda afeição. A crença de que a nação-estado exige a maior lealdade do homem é uma paixão moderna. E para ser uma nação moderna. Precisam ser superadas as afeições locais baseadas na experiência direta e no conhecimento íntimo, e transferi-los para uma unidade política maior. A máxima visibilidade seria alcançada fazendo do estado um objeto de culto religioso. E para que pareça real a ideia de um país sagrado, criam-se lugares sagrados que possam ser diretamente experienciados. Nos EUA, eles são o Independence Hall em Filadélfia, o santuário do general Lee em Lexington e os majestosos monumentos da cidade de Washington.

Os lugares podem se fazer visíveis através de inúmeros meios: rivalidade ou conflito com outros lugares, proeminência visual e o poder evocativo da arte, arquitetura, cerimônias e ritos. Os lugares humanos se tornam muito mais reais através da dramatização. Alcança-se a identidade do lugar pela dramatização das aspirações, necessidades e ritos funcionais da vida pessoal e dos grupos.

13 – TEMPO E O LUGAR

O lugar é um mundo de significados organizados.

No lar, os móveis como uma escrivaninha, uma poltrona, a pia da cozinha e a cadeira de balanço na varanda são pontos ao longo de um complexo caminho de movimento que é seguido dia após dia. Estes pontos são lugares, centros para organizar mundos. Como um resultado do uso habitual, o próprio caminho adquire uma densidade de significado e uma estabilidade que são traços característicos de lugar.

Para os nômades, que descansam e acampam quase sempre nos mesmos lugares ano após ano, e seus caminhos sofrem poucas mudanças, as exigências cíclicas da vida produzem uma sensação de lugar em duas escalas; os acampamentos e o território muito maior no qual se movimentam. Na sociedade moderna a relação entre mobilidade e sensação de lugar pode ser complicada. Por exemplo, as localidades em torno da qual gira uma vida, escritório, casa e casa da praia, com o tempo a sensação de lugar se estende além dessas localidades individuais para uma região definida por essas localidades. A região, compreendida pelo lar, escritório e praia, torna-se por si mesma um lugar, embora não tenha limites visíveis.

2 – afeição pelo lugar como uma função de tempo;

O conhecimento abstrato *sobre* um lugar pode ser adquirido em pouco tempo se se é diligente. A qualidade visual de um meio ambiente é rapidamente registrada se você é um artista. Mas ‘sentir’ um lugar leva mais tempo: se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se por, de trabalhar e brincar. É um tipo de conhecimento subconsciente.

A afeição, por uma pessoa ou uma localidade, raramente é adquirida de passagem. E sua importância está mais diretamente relacionada com sua intensidade do que com sua extensão. Uma pessoa pode viajar um ano ao redor do mundo e nela não ficar nenhuma impressão duradoura, e pode em apenas

um segundo ver o rosto de alguém e mudar sua vida. Uma pessoa pode se apaixonar à primeira vista por um lugar como por outra pessoa. A primeira visão do deserto através de um desfiladeiro na montanha ou da entrada na floresta virgem pode gerar uma sensação de reconhecimento como um mundo cristalino e fundamental que sempre se conheceu. Uma experiência breve mais intensa pode anular o passado, de modo que estamos dispostos a abandonar o lar pela terra prometida. E algumas pessoas podem desenvolver uma paixão por um certo tipo de meio ambiente sem terem tido um contato direto com ele. É suficiente uma história, um trecho descritivo ou uma gravura em um livro. A criança, mais que o adulto, conhece o mundo pelos sentidos. A sensação de tempo afeta a sensação de lugar, e, como a experiência de tempo de uma criança pequena difere da de um adulto - para ela o tempo não 'flui', ela fica no tempo como se estivesse fora dele - a experiência de lugar de um adulto é diferente da de uma criança. À medida que se vive o passado aumenta. O que pode significar o passado para nós? As pessoas olham para trás por várias razões, mas uma é comum a todos: a necessidade de adquirir um sentido do eu e da identidade. Eu sou mais do que aquilo definido pelo presente fugaz. Somos aquilo que temos, que fizemos, nossas habilidades e conhecimentos, porém por esses haveres não serem visíveis nem facilmente acessados, fortalecemos nosso sentido do eu resgatando o passado e tornando-o acessível.

3 – e lugar como lembrança de tempos passados.

As pessoas se afastam, vão embora, no entanto continuam sorridentes no álbum de fotografias. Nosso próprio passado consiste em miudezas. Quais os objetos que melhor nos retratam? Os objetos seguram o tempo. É claro que eles não precisam ser haveres pessoais. Podemos tentar reconstruir nosso passado com visitas ao nosso velho bairro e ao local de nascimento de nossos pais. Podemos, também, recordar nossa história pessoal através do contato com pessoas que nos conheceram quando éramos moços.

Sempre que uma pessoa, jovem ou velha, sente que o mundo está mudando muito rapidamente, sua resposta característica é evocar um passado idealizado e estável. Por outro lado, quando uma pessoa ou um povo sente que ele mesmo está dirigindo as mudanças e controlando os assuntos importantes para ele, então a saudade não tem lugar em sua vida: a ação, em vez da lembrança do passado, apoiará seu sentido de identidade.

Os pigmeus da floresta úmida e imutável do Congo, parecem viver inteiramente no presente, fazem tudo rapidamente e quase com a mesma rapidez se desintegra, de maneira que poucos objetos podem ser passados de geração par geração com símbolos do tempo que passou.

Entre os povos pré-letrados, faltam não somente os meios, mas também a vontade de pensar historicamente. Entre eles, a ordem social alcançada é facilmente esquecida. As instituições são sancionadas pelos mitos eternos e um cosmos constante. Tanto objetos como lugares são venerados porque têm poder ou estão associados a seres com poder. No pensamento primitivo não há preocupação com as coisas antigas.

O conceito de 'antiguidade' é moderno, como também a ideia de que os móveis e prédios velhos têm um valor especial conferido pelo tempo e que devem ser preservados. O interesse pelo passado aumentou como desejo de colecionar e possuir objetos materiais e com o crescente prestígio da curiosidade educada. Ainda na idade média as pessoas ricas é que se deram início a constituição de acervos pessoais, pautados na raridade e não na idade das peças, que incluíam raridades naturais e feitas pelo homem. Visava apenas o prazer, orgulho e esclarecimento de um grupo seletivo. Durante o

século XVIII é que o público teve acesso aos museus. No período iluminista, as novas ciências da história natural e da geologia que fez lembrar os homens que as miríades das formas da natureza tinham antecedentes. Na filosofia, um dos maiores interesses era o fenômeno da memória. Os filósofos apontavam que, lembrando, o homem poderia evitar as sensações meramente momentâneas, o nada que o espera de emboscada entre os momentos de sua existência. E que melhor auxílio para a memória do que as evidências tangíveis do passado – móveis antigos, prédios antigos e coleções de museu?

Este tipo de culto ao passado pouco tem a ver com o fato de se estar enraizado no lugar. O arraigamento é essencialmente subconsciente.

14 – EPÍLOGO

A aprendizagem dificilmente se processa no nível da instrução explícita e formal. Quase tudo se aprende no nível do subconsciente. Assim adquirimos um poder bem desenvolvido de ver as pessoas e os lugares em sua complexa particularidade. É um sinal de nossa inteligência superior, porém dificilmente sentimos a necessidade de usar este poder em qualquer forma sistemática.

As atividades rotineiras e tarefas usuais não exigem pensamento analítico. Quando desejamos fazer algo diferente ou que sobressaia, necessitamos então parar, considerar, pensar. Um atleta precisa de fato exercitar-se, mas seu desempenho melhorará se ele *pensar* sobre seus movimentos e procurar aperfeiçoá-los tanto na mente como na prática. Pensar e planejar ajudam a desenvolver a habilidade espacial do homem no sentido de movimentos corporais ágeis.

Uma grande quantidade de dados provenientes da experiência está destinada ao esquecimento porque não podemos encaixar as informações nos conceitos das ciências físicas que aceitamos sem criticar. A cegueira a respeito da experiência é de fato uma condição humana comum, não importando classe social. Raramente prestamos atenção àquilo que sabemos. Prestamos atenção àquilo que conhecemos bem. Sabemos muito mais do que podemos falar, entretanto quase chegamos a acreditar que o que falamos é tudo o que sabemos.